



EDITAL 09/2024 – ERRATA SOB MINICURSOS DISPONÍVEIS

A comissão organizadora do IV Seminário Mulheres na História, na Literatura e nas Artes: entre práticas e representações, que será realizado entre os dias 20/05/2024 e 24/05/2024 no formato *online* (remoto) durante o período vespertino, abre chamada para o envio de propostas de oficinas e/ou minicursos.

1. DOS MINICURSOS OFERTADOS

- 1.1 Devido forças maiores, o minicurso “Hackeando a Vênus” foi excluído.
- 1.2 O minicurso “Maternidade, feminismo negro e violência de Estado no Brasil do tempo presente” foi incluso na lista de minicursos.
- 1.3. Abaixo deste edital, seguem os minicursos que poderão ser escolhidos.
- 1.3 As inscrições do minicurso serão feitas através da inscrição de ouvinte no formulário: <https://forms.gle/Fpa3xzaPoyBAn5vp7> .
- 1.4 Havendo necessidade de alteração de inscrição, tentar pelo formulário e se não possível, informar pelo e-mail.

2. CASOS OMISSOS

- 2.1. Fica a cargo da Comissão Organizadora a deliberação sobre eventuais omissões deste edital.

Curitiba, 19 de Abril de 2024.

Comissão Organizadora

*IV Seminário Mulheres na História, na Literatura e nas Artes:
entre práticas e representações*

Universidade Federal do Paraná



MINICURSOS DISPONÍVEIS

HISTÓRIA DAS MULHERES NA ERA MODERNA: DESAFIOS E NOVAS ABORDAGENS.

Desde sua ascensão da década de 1960, o campo de estudos de História das Mulheres tem recebido contribuições de diversas pesquisadoras e pesquisadores que, com um olhar crítico, têm ouvido as vozes de agentes históricas, que por tanto tempo permaneceram às margens da historiografia (SMITH, 2013). No que tange a Era Moderna, a abordagem de gênero aponta para inúmeras discussões necessárias, uma vez que se trata de um período onde mudanças que moldaram o Ocidente estavam em curso. Onde estavam as mulheres nesse evento? Como interferiram nesses processos ao mesmo tempo em que lidavam com interferências externas em si mesmas também?

A proposta deste minicurso é contribuir na construção de respostas para essas questões, ao passo que também abordará as dificuldades no campo de pesquisa, possibilidades metodológicas, além do acesso às fontes e sua mobilização em novas discussões. Espera-se, dessa forma, conduzir as discussões considerando os tópicos a seguir:

A) Gênero: uma categoria de análise histórica.

- O que é história das mulheres? Por que estudá-la?
- História das mulheres x História de gênero: quais são as diferenças?

B) Gênero na história moderna

- Fontes de pesquisa: vozes em primeira e em terceira pessoa.
- O silenciamento e o resgate de vozes femininas na Era Moderna: como o silenciamento pode também nos informar?
- Educação e relações familiares; casamentos, maternidade, educação, política e escrita feminina: esgotamento de discussões ou há abordagens ainda inexploradas?

C) Tratamento das fontes.

- As múltiplas possibilidades: fontes textuais, iconográficas etc, documentações de foro público e privado. Fontes diretas ou indiretas.
- Exemplo prático de abordagem das fontes por meio das pesquisas das proponentes.

Palavras- Chave: Estudos de gênero; História das mulheres; História moderna

Referências:

ALGRANTI, Leila Mezan. Honradas e Devotas: mulheres da colônia (estudo sobre a condição feminina através dos conventos e recolhimentos do sudeste - 1750-1822). 1992. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

BADINTER, Elisabeth. Émilie, Émilie ou L'Ambition Féminine au XVIIIe Siècle. Paris : Le Livre de Poche, 2015

DAVIS, Natalie Zemon & FARGE, Arlette (dir.) História das Mulheres no Ocidente. Volume 3: Do Renascimento à Idade Moderna. Lisboa: Edições Afrontamento, 1994.

EVAIN, Aurore; GETHNER, Perry & GOLDWYN, Henriette (ed.). Théâtre de femmes de l'Ancien Régime: Tomes III et IV, XVIIe-XVIIIe siècle. Paris: Classiques Garnier, 2015.



FEDERICI, Sílvia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e cumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da História. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Editora Contexto, 2017

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SMITH, Bonnie G. Women's Studies: The Basics. Londres: Routledge, 2013.



NEM SÓ DA FALTA DO PÃO VIVE ELA: AS COMPOSIÇÕES MUSICAIS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

A mineira Carolina Maria de Jesus (1914-1977) atualmente é reconhecida como uma grande escritora brasileira. Apesar das condições de vida e de ter de lutar diuturnamente para sobreviver e sustentar sozinha três filhos, conseguiu se expressar por meio da literatura e sair da favela, “quintal onde jogam os lixos”. *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*, editado pela primeira vez em 1960, alçou-a ao lugar que ela tanto almejava. Entretanto não foi somente via literatura que sua capacidade artística se manifestou; por isso, neste minicurso pretendemos apresentar as composições musicais da artista, enfocando seu conteúdo para buscar entender: a) o que ela canta e b) em que medida suas letras dialogam com o restante de sua produção artístico-literária que não se resume ao Diário tão conhecido e reconhecido também fora do Brasil. Seu único disco reúne composições ainda pouco conhecidas, por isso a proposta deste minicurso é, a partir de um olhar feminista, antirracista e decolonial (GONZALEZ, 2020; COLLINS, 2019; VERGÈS, 2019), conhecer e entender o que Carolina escolhe representar em suas canções. Nosso objetivo é oportunizarmos uma troca de conhecimentos que possibilitem ampliar o olhar em direção a uma outra faceta desta artista tão importante para a história da arte negra em nosso país.

Palavras-chave: Crítica feminista, Feminismo Negro, Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*.

Referências:

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, n. 1, ano 8, 2000, p. 229-236.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia e LIMA, Márcia (Org.). *Por um feminismo afro-latino-americano. Ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty, *Pode o Subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Editora Ubu, 2020.



MATERNIDADE, FEMINISMO NEGRO E VIOLÊNCIA DE ESTADO NO BRASIL DO TEMPO PRESENTE

Nayara Augusto Felizardo¹
Felipe de Araújo Chersoni²
Anayara Fantinel Pedroso³

Ementa: A coletividade como uma característica da maternidade africana é uma das bases culturais do feminismo negro. O ditado “é preciso uma aldeia para cuidar de uma criança” remete ao cotidiano matrifocal pelo qual as mulheres mães na África são responsáveis pelo sustendo de seus filhos, enquanto avós e mulheres mais velhas ficam delegadas pelo trabalho de cuidado. Ao se deparar com a maternidade afro-americana, as mães étnicas raciais levam essa identidade cultural como um atributo de reivindicação em um ambiente racista, pois necessitam sustentar seus filhos trabalhando na maioria das vezes como empregadas domésticas e babás de crianças brancas, mostrando que o feminismo branco tradicional se preocupou com a distanciamento das mulheres com suas maternagens para assegurar sua feminilidade. O ativismo social e comunitário se tornou, portanto, um dos fundamentos do feminismo negro, visíveis no Brasil do Tempo Presente, sobretudo a partir dos anos de 2011, com criação de vários coletivos de mães pelo país. Os Coletivos “Mães da Leste”, “Mães de Manguinhos” e Mães de Maio” são exemplos. Compostos por mulheres e mães que residem nas periferias do Rio de Janeiro e de São Paulo, em lugares predominantemente formados pela população negra expulsa do centro da cidade, enfrentam a violência de Estado formando um Feminismo Matricêntrico Negro. Por meio de um estudo bibliográfico, este mini curso possui o objetivo de apresentar a historicidade da influência da maternidade no Feminismo Negro e Matricêntrico, através desses Coletivos de Mães fundados em 2016, passando pela História das Mulheres Brasil do Tempo Presente para analisar as questões raciais mediante a violência de gênero institucional, com o intuito de postular a memória de seus filhos assassinados pela Polícia Militar de São Paulo e Rio de Janeiro, atuando

¹ Mestranda em História Política na Universidade Estadual de Maringá. Membro do Grupo de Pesquisa Gênero, Trabalho e Políticas Públicas da Universidade Estado do Paraná e do Laboratório de Estudos do Tempo Presente da Universidade Estadual de Maringá. nayara.felizardo@escola.pr.gov.br

² Doutorando em Direito pela PUC-RS. Mestre em Direito na linha de Direitos Humanos pela Universidade (comunitária) do Extremo Sul Catarinense (PPGD-Unesc). Professor de graduação na faculdade Andreotti – Maringá e em cursos de especialização. Compõe coletivamente o Núcleo de Pesquisa em Gênero e Raça (NEGRA/UNESC). Advogado de movimentos sociais. felipe_chersoni@hotmail.com

³ Doutoranda em Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Direito e Justiça Social pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Advogada. Bacharela em Direito pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). E-mail: anayarafantinelpedroso@gmail.com



presentemente na luta política contra a vulnerabilidade social e arbitrariedades cometidas pelo aparelho repressivo do Estado com a vida das populações negras.

Palavras-chave: Maternidade; Feminismo Negro; Feminismo Matricêntrico; Coletivo de Mães, Violência de gênero institucional.

Referências:

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARAÚJO PESSOA, Sara de; ARAÚJO CHERSONI, Felipe de; LIMA, Fernanda Da Silva. “Verás que tudo é mentira”: os Movimentos Populares antiprisionais contra o Genocídio Racista Estatal a Partir Da Luta Das Mães de Maio. *Geminal: Marxismo e educação em debate*, Salvador, v. 14, ed. 2, p. 318-344, 2022.

ARAÚJO CHERSONI, Felipe de. O punitivismo estrutural brasileiro frente às mulheres privadas de liberdade. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL): (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina)*, Pelotas, v. 7, ed. 1, 2021.

GAZZAROLLI, Márcia. O direito à vida da população negra e periférica. Podcast: *Cena rápida* número 15, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4lhvL41HRnnuiH7TIFkzbG?si=5e33578876114e42>. Acesso em: 13 dez. 2023.

FELIZARDO, Nayara Augusto. A influência do Feminismo Matricêntrico no Brasil: Um debate contra a violência de gênero na História do Tempo Presente. In: MARQUEZ, Maria Inez. CAMPOI, Isabela Candeloro. SILVA, Thais Gaspar. (Org). *Interfaces da Opressão Patriarcal: do debate acadêmico às práticas sociais*. Editora Appris. Curitiba. 2022.

INFOPEN MULHERES. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional, 2018